

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

17196 - Resumo Expandido - Trabalho em Andamento - XV Reunião ANPEd Sul (2024)

ISSN: 2595-7945

Eixo Temático 24 - GE Educação e Povos Indígenas

TEAR A VIDA EM EDUCAÇÃO: TECITURAS NA AMÉRICA LATINA COM POVOS INDÍGENAS

Carine Josiéle Wendland - UNISC - Universidade de Santa Cruz do Sul

Agência e/ou Instituição Financiadora: PROSUC/CAPES

TEAR A VIDA EM EDUCAÇÃO:

TECITURAS NA AMÉRICA LATINA COM POVOS INDÍGENAS

RESUMO: Os modos de viver a educação são distintos de acordo com o contexto, as etnias, as esperanças. A partir da problemática da ausência da terra na educação surge outra problemática: como interconectar as aprendizagens vividas com os povos indígenas na América Latina? E, como trazer essas sabedorias para a educação? A partir das etnografias tecidas, como fazer metodológico, adentramos a uma urdimbre de sentidos. A urdimbre é um tecer artesanal de fios que se conectam e formam tecituras e são essas tecituras que permitem, também, uma percepção de um modo de tear a vida. Com algumas experiências com povos indígenas no Brasil e no México, se traz, aqui, vivências tecidas que permitem em educação uma reaproximação à terra.

PALAVRAS-CHAVE: Educação. Povos Indígenas. América Latina. Tecituras.

A educação tem andado por caminhos desconexos da terra. O cinza, as salas quadradas e fechadas, o cimento. Nas minhas idas e vindas às escolas dentro de um projeto do grupo de pesquisa, os e as estudantes quando questionados sobre as percepções da terra naquele espaço, numa proposta de imaginar a terra constituindo o espaço, esta é vista como sujeira. A terra, pelo contrário, para a maior parte dos povos indígenas é vida, tem-se a ideia de Mãe Terra, ou de um irmão.

Mas para que a ideia de terra como sujeira seja desconstruída, é necessário um processo. Nos processos de uma investigação em andamento que busca reaproximar a terra da educação, adentramos em uma tecitura de saberes que nos conectam enquanto América Latina com uma urdimbre de sentidos. A urdimbre configura-se como uma tecelagem artesanal, de um conjunto de fios na vertical e na horizontal que fazem uma trama, o que por si configura a metodologia, com um Norte e Sul interconectado ou um Sul e Sul.

A partir do Programa de Doutorado Sanduíche no Exterior – PDSE foi realizado um

período de estudos no México. Nos fazer das artesanias havia muita vida, tal como no Brasil. Assim, como Sul de pesquisa busca-se reaproximar a educação da terra e pergunta-se: como interconectar as aprendizagens vividas com os povos indígenas na América Latina? E, como trazer essas sabedorias para a educação?

Assumir “la etnografía como una manera de comprender mejor sus propios mundos en relación con los otros” (ERICKSON, 1989, p. 21) permite também a abertura à surpresa, deixar-se surpreender no campo. A etnografía auxilia “en la recuperación del conocimiento local y de la memoria histórica, en la crónica de hechos actuales y en la previsión de caminos posibles de construcción de nuevas prácticas” (ROCKWELL, 2009, p. 37).

Estar situado, mas também pensar em movimento – em fios que contituem a América Latina – e retomam seu sentido original de Abya Yala, de terra plena, terra fértil. A minha pergunta, que move meu pensar e meu corpo por entre a Latinoamérica e se desloca buscando sentidos e dando sentidos, consegue em *conversa* e nos teares vivenciados trazer possibilidades de aproximação da terra na educação como “un hilo íntimamente tejido en la trama del pensamiento.” (MINAYA, 2018, p. 139) etnograficamente.

No fazer artesanal de alguns povos indígenas do Brasil também se percebe um tear da vida e um fazer metodológico. No Rio Grande do Sul, composto pelas etnias Guarani, Kaingang, Charrua e Xokleng, o *tembiapó* Guarani e o *Vãfy Kaingang*, como as etnias com a maior aproximação nesta investigação compreendem a um tear de fios, cipós, taquaras, marcam as cosmologias nas tranças e direcionam a educação do povo.

Em conversa com Vherá Poty, Guarani do Rio Grande do Sul, em 2021 [...] *então tudo que se aprende numa linguagem nossa, a gente chama tudo aquilo que se faz de tembiapó. Tembiapó significa prática do conhecimento e não é artesanato. Está baseado diretamente no processo de educação, da compreensão e de produzir coisas que são importantes para nós, importantes não só simbolicamente, mas também como objetos, ou seja, artefatos.*

Gerônimo, professor Guarani da escola da Tekoá Yvy Poty pensa o *tembiapó* como um trabalho em geral na aldeia, mutirão e coletivo, uma arte final. Para atingir o *tembiapó* é necessário o *tembiaporã*, este é concebido como trabalho futuro, ideia coletiva do que vem. Assim, passa-se pelo *beapó* como processo, igualmente coletivo.

Na busca de experiências educacionais com a terra, levo meu pensamento para o movimento e o *situo* no México, durante um período de estudos junto ao Programa Institucional de Doutorado no Exterior – PDSE. No México vi inúmeras formas de *tecer*. Tecendo redes, conhecimento. Tecendo vidas. A última que presenciei foi em Chiapas, com uma mulher de 85 anos fazendo um tear de cintura, uma falante de *tsotsil*, e sem saber ler e escrever, ela escreveu no tear com os fios. Dizia que tear era “*tajchal hollo bi*”. E assim, em todo o México e em toda a América Latina, fios são tecidos na educação e na comunidade.

Nas minhas trajetórias venho compondo uma trança de significados de estar-sendo pesquisadora na América Latina, além de participar da Semana do Clima da América Latina e Caribe em 2023 e da Conferência das Partes da ONU sobre Mudanças Climáticas - COP28, vejo que os caminhos para uma educação para a terra são sempre ouvir as vozes indígenas, ir ao encontro da comunidade e promover a abertura intercultural, conversar e, no tecido de uma educação com terra nesta América profunda, chego à Escola Normal Bilingue e Intercultural de Oaxaca (ENBIO), que é uma das 11 escolas normais no Estado de Oaxaca e uma das 27 em todo o México que torna possível aprender a ser e ensinar na profissão docente. No documento do estado de Oaxaca, a proposta curricular está organizada em quatro campos de conhecimento: Cosmovisões e saberes na diversidade, Identidade profissional e trabalho docente, Linguagens e diálogos dos povos, Pedagogias e didática em complementaridade – integralidade.

No mesmo estado, em Oaxaca, um menino de aproximadamente 8 anos nos ensinava um processo de tear. Mas antes deste, todo o processo de preparação da lã, do tingimento natural, das cores utilizadas, dos tempos, das esperas, e das mãos no enfim processo de fio a fio constituir tramas de sentidos em imagens.

Ademais a Escola Prof. Vicente González Díaz, que atualmente conta com 294 crianças das 8 regiões também do estado de Oaxaca e dentro da cidade busca levar a cultura do estado com uma educação para a interculturalidade, onde os professores se aprendem professores, se constituem e formam uma comunidade educativa em torno dos territórios. memórias, línguas. Finalmente, chega-se ao ponto mais alto no Norte de nossa América Latina, mas que tem um pensamento do Sul, em Tijuana na Universidad Pedagógica Nacional UPN Tijuana, em todos esses espaços ouvindo e conversando sobre possibilidades de educação para com a terra.

Geoculturalmente situados na terra (geo), que engloba profundos pensamentos ameríndios (culturais): o geográfico é, como o lugar onde ocorrem as trocas interculturais de pensamentos, na medida em que carrega a cultura (Kusch, 1976), e com o qual podemos reconhecer a profundidade, da terra conhecedora “el *tekoha* es el lugar y el médio donde se dan las condiciones de posibilidad del modo de ser guaraní” (MELIÀ, 1991, p. 64) igualmente no México está *Altépetl*. Esta tierra *Tekoha*, *Altépetl* já não suporta danos, porque

Talvez o dano que a gente tenha cometido contra o Planeta, no século XX, é que a gente estava preparando técnicos e formando muitos técnicos, e a ideia era habilitar o humano para incidir sobre a vida na Terra. Tirar petróleo, furar plataforma continental, devastar a Floresta Amazônica, caçar ouro para todo lado, toda essa cosmovisão constituída de um Planeta cheio de concreto, viadutos, pontes, rodoviárias, metrô. Essa parafernália toda é uma ofensa ao corpo da Terra. A Terra respira (KRENAK, 2020, p. 20).

Por fim, chegamos à urdimbre como interconecção com as aprendizagens vividas com os povos indígenas na América Latina, como elo e o enlace dos *nós* dos saberes constituídos nas *com-versas* em uma aproximação etnográfica. A urdimbre é aqui entendida como conversar – um versar de palavras e gestos das mãos que tecem e entrelaçam fios de sentidos, é

também o que entendi mais tarde que aquela jovem senhora aos seus 85 anos realizava ou o que o menino aproximadamente 8 anos fazia, é o elo entre os dois que nem se conheciam, mas que neste modo de trançar levavam a cultura do seu povo adiante.

A urdimbre, de modo prático é um conjunto de fios verticais dispostos de modo longitudinal e paralelo a fim de formar um tecido. Com a urdimbre preparada o fio horizontal que será a trama passa para criar o tecido final. Ela é assim a base onde o tecido é construído, onde e quando a educação acontece. As cosmologias se tecem educação. A terra retoma seu sentido de vida. E as sabedorias na Latino-América se conectam e retornam à terra.

REFERÊNCIAS

ERICKSON, Frederick. Métodos cualitativos de investigación sobre la enseñanza. En: Merlin C. Wittrock (org) (1989). **La investigación de la enseñanza**, II. Métodos cualitativos y de observación, Barcelona, Paidós, capítulo IV, 1989. p. 195-301.

KRENAK, Ailton. **O amanhã não está à venda**. São Paulo: Companhia das letras, 2020.

KUSCH, Rodolfo. **Geocultura del hombre americano**. Buenos Aires: Coleção Estudos Latinoamericanos, 1976.

MELIÀ, Bartolomeu. **El guarani: experiencia religiosa**. Asunción - Paraguay: CEADUC – Centro de Estudios Antropológicos, 1991.

MINAYA, Edickson. **Hermenéutica simbólica y «ontología de la implicación» en andrés ortiz-osés**: estudio para la interpretación de la realidad desde la noción de símbolo y urdimbre de sentido. Universidad del País Vasco: tese de doutorado, 2018.

ROCKWELL, Elsie. La relevancia de la etnografía. En **La experiencia etnográfica. Historia y cultura en los procesos educativos**. Buenos Aires, Paidós, 2009. p. 17-39.